

EDUCAÇÃO INDÍGENA

Marcos Terena*

Durante certo período prevaleceu como ideologia dominante o anseio de catequizar o índio, tornando-o submisso e surgindo, daí, as primeiras tentativas de educá-lo. Esta tarefa foi primordialmente desempenhada pelos jesuítas que assumiram o papel de "agentes interculturais" na medida em que procuravam integrar o índio na civilização cristã. A educação imposta às populações indígenas, durante esse período, está intimamente ligada à Igreja, pelo menos até a expulsão dos jesuítas, em 1759.

Nos últimos anos, à exceção da educação bilingüe-bicultural, o processo educacional que vem se desenvolvendo junto a quase todos os grupos indígenas não difere estruturalmente, nem no funcionamento nem nos objetivos, da educação formal oficial.

Todas as sociedades indígenas têm seu processo educativo, que se manifesta de maneira informal e comunitária, e alguns grupos desconhecem o processo de formalização da educação nacional. Há quem acredite que as sociedades indígenas não possuem "educação", daí as tentativas de "educar" o índio dentro dos padrões da escola tradicional.

A educação formal oferecida ao índio procura assegurar, acima de tudo, os objetivos da sociedade dominante. Dessa forma, podemos afirmar que os resultados até agora somados, no que se refere ao alcance dos objetivos básicos da escola nas áreas indígenas, não são nada alentadores, pois somente uma minoria responde satisfatoriamente a esse sistema, produto do esforço e consciência de alguns educadores que procuram moldá-lo às necessidades do aluno índio.

* Chefe de Gabinete da Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

Muitos professores, por falta de formação pedagógica específica para o magistério, recorrem às secretarias de educação do estado e a autoridades responsáveis pelo controle do ensino na região, sem receberem qualquer orientação sobre a cultura e a situação do grupo com o qual vão atuar. Esses docentes carregam consigo a mesma carga de estereótipos que a população regional, prejudicando o processo educacional sob sua responsabilidade, e pouco têm feito pela educação indígena, pois se limitam a copiar um modelo educacional que não atinge o universo cultural do grupo.

A educação oferecida por instituições e missões religiosas, que têm sempre como meta a conversão religiosa do índio, jamais foi submetida a uma avaliação e análise crítica e não se tem um controle do trabalho oferecido.

Apesar de se debater sobre a necessidade de adaptar o material didático adotado nas escolas da FUNAI à realidade de cada grupo, esse continua seguindo os modelos destinados à clientela escolar atendida pela rede oficial de ensino. A constante aquisição desses materiais junto às secretarias de educação vem contribuindo para veicular valores prejudiciais às comunidades indígenas.

Todo esse "mecanismo educacional" vem funcionando com um único objetivo. A **alfabetização do índio** é vista como condicionante básica para a sua integração, além de imposta através de técnicas e métodos os mais diversos e inadequados possíveis. Essa alfabetização quase sempre é decidida com um imediatismo alarmante e raramente submetida a um estudo criterioso. As situações sociolinguísticas do aluno, as condições pedagógicas nas quais ela vai ser feita, nem sempre são consideradas e por esta razão o educando índio fica desmotivado, com dificuldades na aprendizagem, se autodefinindo como incapaz, passando a desvalorizar sua língua, valores, costumes

e tradições e, conseqüentemente, a rejeitar a sua própria condição de membro de grupos étnicos diferenciados dos demais "civilizados".

Os poucos alunos que conseguem atingir o nível de escolaridade oferecida pela FUNAI (primeiro grau menor) são levados posteriormente a recorrer à rede oficial de ensino. Esses alunos já entram num sistema escolar marcados por diferenças sociais e econômicas muito profundas, além de carregarem o agravante da deficiência herdada do processo ensino-aprendizagem desenvolvido nas escolas. Dessa forma a maioria deles volta para a aldeia com um sentimento de frustração, e não consegue mais se adaptar por ter perdido padrões tradicionais de sua cultura, acarretando sua marginalização. Essa marginalização tem uma dupla face: uma na nossa sociedade sentida através da discriminação social, e outra, na comunidade, por não participar dos padrões tradicionais do grupo.

Precisamos oferecer às populações indígenas uma atividade especializada não divorciada da realidade e das necessidades dos grupos indígenas. Temos, necessariamente, que substituir a inflexibilidade

pela renovação, as idéias tradicionais de educação por novas experiências. Oferecer uma alternativa de educação que possa integrar-se como um todo no processo de transformação, criando condições reais para garantir melhores perspectivas desses grupos junto à sociedade envolvente.

No entanto, a educação indígena representa para a Fundação Nacional do índio um grande desafio, haja vista a diversidade de sua clientela quanto aos aspectos sócio-culturais e lingüísticos. O cumprimento do encargo de oferecer uma assistência educacional adequada e contínua às sociedades indígenas vem sendo tolhido, nos seus objetivos e metas, pela limitação de recursos financeiros, dificultando a implementação de programas e projetos nessa área de atuação.

O Serviço de Educação da FUNAI tem buscado apoio de outras entidades, na tentativa de propiciar a realização de encontros e debates visando sensibilizar os dirigentes de órgãos e instituições para a problemática do índio, de modo a oportunizar a oferta de alternativas que resultem em profundas mudanças qualitativas para a educação indígena.